

Génesis

23 guaches de pequeno formato, executados sobre papel, enformam esta exposição individual de Lourenço de Castro, intitulada “Atlas 2009/2017”.

As datas referidas demarcam as fronteiras temporais deste projecto e a designação que as precede informa-nos sobre a sua assumpção enquanto conjunto de imagens correlacionadas que se articulam, esclarecendo-se, num fluxo processual contínuo, como sucede com as colecções de cartas geográficas a que a denotação vulgarmente se aplica. Os 23 trabalhos foram agrupados em cinco núcleos autónomos que se desdobram sequencialmente apenas numa parede do espaço expositivo, assumindo o seu carácter de *instalação* e definindo um itinerário sucessivo, uma narrativa pictórica com inúmeras possibilidades de leitura, cada qual inscrevendo o princípio que justifica a coerência e unidade deste conjunto de trabalhos.

Anotemos, desde logo, as características comuns aos 23 guaches expostos, nomeadamente, a verticalidade do suporte e a sua ocupação integral, o imediatismo e rapidez do gesto, inscrevendo no papel a pulsão que o originou e as posteriores intervenções do artista e, ainda, o deliberado abandono de referentes imediatamente identificáveis, como se a natureza abstracta e experimental destas obras se impusesse como uma realidade em si mesma.

Podemos, por outro lado, abordar estes trabalhos através das dicotomias que eles estabelecem entre si no decurso do itinerário expositivo proposto pelo autor, respectivamente: acumulação/rarefação; dispersão/ordenação; emoção/razão; matéria/forma; processão/conversão; derramamento/reunião, como se de um *Génesis* se tratasse, no qual a matéria informe inicial se derrama desordenadamente num suporte de possibilidades plásticas inumeráveis, evoluindo depois para a assumpção de uma identidade que reclama uma ordem e pressupõe o retorno ao seio da unidade original, num movimento de vai-e-vem que reúne e ordena os vestígios dispersos que a constituem.

Também por isso, esta exposição/instalação comunga do mesmo espírito que preside a criação de qualquer Colecção, quando agrupa, articula e ordena objectos com o intuito de resgatar um sentido para o real que, de outro modo, permaneceria no limbo do informe e faz, também, juz ao mito grego homónimo no qual o Titã Atlas é condenado por Zeus a carregar o fardo deste mundo sobre os ombros.

José Sousa Machado
Outubro 2017